Vol. 34, nº 3 (2026)

UM OLHAR PERSPECTIVO ANCESTRAL: O QUE SE FALA E O QUE SE ESCUTA NO ENTRELAÇAR DOS MUNDOS

***

AN ANCESTRAL PERSPECTIVE: WHAT IS SAID AND WHAT IS HEARD IN THE INTERTWINING OF WORLDS

Cesar Novicki Junior[1]
Marisa Martins Gama-Khalil[2]

Recebimento do Texto: 14/05/2026
Data de Aceite: 11/06/2026

Resumo: O presente trabalho apresenta uma leitura do conto "Guarũguá, o peixe-boi dos Maraguá", dos autores da etnia Maraguá Yaguarê Yamã e Lya Minápoty, com uma abordagem analítica sobre a metamorfose dos corpos das personagens, fazendo uso de conceitos como o perspectivismo e o multinaturalismo, bem como realizando um enfoque sobre a construção das personagens. Os pressupostos teóricos advêm de dois campos epistemológicos: dos estudos literários e da antropologia. O processo metamórfico, como a análise demonstra, origina-se de procedimentos comuns à cosmologia animista de muitos povos originários.

Palavras-chave: Maraguá. Personagem. Perspectivismo. Multinaturalismo.

Abstract: This paper presents a reading of the short story "Guarũguá, the Manatee of the Maraguá," by the Maraguá authors Yaguarê Yamã and Lya Minápoty, with an analytical approach to the metamorphosis of the characters' bodies, mobilizing concepts such as perspectivism and multinaturalism, as well as focusing on the construction of the characters. The theoretical assumptions come from two epistemological fields: literary studies and anthropology. The metamorphic process, as the analysis demonstrates, originates from procedures common to the animistic cosmology of many indigenous peoples.

Keywords: Maraguá. Character. Perspectivism. Multinaturalismo.

1 Introdução

Neste trabalho faremos uma análise do conto "Guarũguá, o peixe-boi dos Maraguá", um reconto da referida etnia, de autoria de Yaguarê Yamã e Lya Minápoty, que está inserido no livro *Nós, uma antologia de literatura indígena* (2019), organizado por Maurício Negro. Traremos bases teóricas de duas áreas de conhecimento: da antropologia, as noções de perspectivismo e de multinaturalismo da América indígena estudados por Eduardo Batalha

[1] Graduando em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: cesar.novicki.junior@unemat.br
[2] Doutora em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Professora visitante do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. Pesquisadora CNPq. E-mail: marisa.martins@unemat.br

Viveiros de Castro (2013, 2018) e a noção de animismo, de Philippe Descola (2015, 2016, 2023); dos estudos literários, as teorias sobre a personagem, revistas pela pesquisadora Beth Brait (2017) e a noção de encantaria desenvolvida por Paes Loureiro (2001). A referida ancoragem teórica nos auxiliará na análise da metamorfose que ocorre nos corpos das personagens do conto.

O intuito do presente estudo é mostrar que o caso das metamorfoses em narrativas dos povos originários possui um agenciamento bem específico, na medida em que elas ocorrem movidas por uma visão de mundo animista e perspectivista. Ou seja, se ocorre com as personagens a mutação de seus corpos em animais ou vegetais, por exemplo, ela se deve ao fato de muitos povos originários compactuarem a crença de que todos os seres são dotados de subjetividade, e que, dependendo do corpo que assume, verá em si mesmo a forma humana e muitas vezes no outro verá a forma animal.

A narrativa do povo Maraguá que será analisada parte de duas grandes metamorfoses de seus protagonistas que possuem inicialmente corpos diferentes, metamorfoses essas que serão geradoras de uma terceira forma de corpo, união das duas formas corporais iniciais.

2 Metamorfose e perspectivismo em “Guarũguá, o peixe-boi dos Maraguá”

O povo Maraguá vive na região do rio Abacaxis no Estado do Amazonas e seu território é denominado Maraguapajy. Falam a língua maraguá, misto de nheengatu e aruak. São conhecidos como o povo das “histórias de fantasmas”. A narrativa nos traz um relato sobre um tempo remoto onde os peixes e humanos encontravam-se em guerra. Para resolver a contenda, o Deus Monãg decide se encontrar com o chefe dos peixes, o Piraruku. Monãg determina que Guaporé, filho de Piraruku, suba até a superfície, transforme-se num belo rapaz e seduza Panãby’piã, filha do chefe dos Maraguá.

O corpo de Guaporé passa pela transformação de peixe para gente e ele sobe à terra, para o espaço da aldeia dos Maraguá. Havia uma festa para a escolha do marido da linda jovem Panãby’piã. Guaporé se encanta imediatamente por ela. Para obter sucesso em sua tarefa, transforma suas escamas em um lindo Marãgá (chocalho), entoando-o baixinho. Panãby’piã avista Guaporé e apaixona-se por ele, no entanto as regras de seu povo não permitem esse casamento; frustrada ela escolhe um jovem qualquer para casar-se. Guaporé

tem certeza do resultado de seu encantamento e espera por Panãby'piã na margem do rio. Ao final da cerimônia, Panãby'piã consegue despistar seu noivo e vai ao encontro de Guaporé, passando a noite com ele. Envergonhada, ela se esconde em casa por meses, reaparecendo no terreiro, grávida, perto de dar à luz. Nesse momento ela corre e mergulha no rio. O Malyli (xamã) explica à comunidade que a jovem foi encantada pelos peixes e agora é esposa de Guaporé; revela ainda que essa união traria a paz aos humanos e aos peixes. O filho dos dois nunca será gente, porém é fruto da união de um humano com um peixe. Seu nome será Guarũguá ou peixe-boi. E, a partir daquele dia, o peixe-boi tornou-se o símbolo maior do povo Maraguá.

Nos apontamentos de Brait (2017, p. 40) sobre a mimesis aristotélica, a autora afirma que a personagem seria um "ente composto pelo poeta a partir de uma seleção diante da realidade, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação". Com isso, entende-se que a personagem, então, não seria uma mera cópia do real, mas uma construção que seleciona elementos do real para compor o ficcional. As personagens indígenas apresentadas na narrativa possuem traços análogos aos indígenas do mundo empírico. Seus costumes, suas práticas culturais são igualmente representados a partir de uma transposição literária.

De acordo com o perspectivismo de Viveiros de Castro (2013, p. 347), que trata da concepção cosmológica comum entre os povos originários, "o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos". Essa ideia pode ser considerada a base para história analisada, uma vez que, pelo enredo, podemos perceber que, na cosmologia maraguá, todos os seres são dotados de humanidade, de subjetividade. O que eles têm de diferente são os corpos, o que faz com que projetem perspectivas diferentes.

É preciso ressaltar que os Maraguá possuem uma cosmologia animista. O animismo, na visão de Phillipe Descola (2016), é uma característica comum a vários seres. Assim ele explica: "Do mesmo jeito que os índios da Amazônia, os índios do Grande Norte canadense consideram a maioria dos animais como pessoas que possuem uma alma e, portanto, dotadas de diversas qualidades humanas" (Descola, 2016, p. 15). No livro *As formas do visível: uma antropologia da figuração* (2023), Descola complementa a ideia de que o animismo:

> é a imputação a não humanos de uma interioridade de tipo humano – a maioria dos seres tem uma 'alma' – combinada à constatação de que cada classe de existentes, cada espécie de coisa, é dotada de um corpo próprio que lhe dá acesso a um mundo particular, o qual ele habita à sua maneira (Descola, 2023, p. 12).

O fato de cada espécie ser dotada de um corpo distinto, conferindo a cada uma o acesso a um mundo diferente, implica que cada espécie é dotada de uma perspectiva diferente de mundo, ainda que todos sejam humanos. Essa ideia é a do perspectivismo desenvolvida por Viveiros de Castro (2013, 2018), porque todos são humanos, mas cada espécie vê em si a sua humanidade e a não-humanidade do outro. O perspectivismo "afirma uma diferença intensiva que traz a diferença humano/ não-humano *para o interior de cada existente*" (Viveiros de Castro, 2018, p. 61, grifos do autor).

A partir de uma análise de personagens atrelada aos estudos do perspectivismo e do animismo, podemos examinar, no conto "Guarũguá, o peixe-boi dos Maraguá", os motivos e estratégias que levaram humanos e peixes a realizarem uma guerra e sobre como chegaram a um tratado de paz. Em nossa compreensão, a guerra irrompe em função de uma discordância relacional perspectivista, uma vez que "os animais predadores e os espíritos [...] veem os humanos com animais de presa, ao passo que os animais de presa veem os humanos como espíritos ou como animais predadores" (Viveiros de Castro, 2013, p. 350). No seguinte trecho tem-se a constatação das guerras: "As pessoas matavam os peixes e os peixes matavam as pessoas. Ninguém podia entrar na água para tomar banho, porque os peixes grandes engoliam sem dó" (Yamã; Minápoty, 2019, p. 39).

O conto nos indica que tal guerra fora estabelecida entre os peixes de grande porte e os homens numa batalha de perspectivas, porque tanto os homens quanto os peixes consideram-se predadores. Nesse mesmo sentido de pensamento podemos verificar que não existe separação entre seres da natureza, ou seja, humanos e não humanos se relacionam entrelaçando suas perspectivas, e o que os distingue está relacionado aos corpos que ocupam.

O estudo perspectivista que Viveiros de Castro (2013) promove é, no estudo de Philippe Descola (2015), um caso particular do animismo. Como vimos anteriormente, de acordo com Descola (2015, p. 13) os "humanos e muitos não humanos são concebidos como dotados com um mesmo tipo de interioridade". No animismo compreende-se que os animais veem os humanos em sua forma humana e veem a si também em forma humana, ao passo que no perspectivismo os humanos veem os não humanos em sua forma não humana e os não humanos veem a si como forma humana e humanos como não humanos. Para Descola

(2015) é na cultura ocidental que vemos estabelecida a descontinuidade e a oposição entre humanos e não humanos. Sobre esse aspecto, Viveiros de Castro (2013) mostra-nos que para a cultura ocidental todos (homens e animais) são animais. Na disciplina de Ciências as crianças estudam que existem os animais racionais e os irracionais, os vertebrados, os invertebrados, os mamíferos etc. São muitas classes de animais, mas o estudo registrado pelos livros didáticos defende que, de todos os animais, o homem é o animal superior. Já nas práticas cosmológicas e culturais de muitos povos originários, a qualidade comum a homens e animais não é a animalidade, porém a humanidade. Podemos compreender, nesse sentido, que essa é uma visão animista e que, por assim ser, cria um campo de relações muito maior do que o que se tem na cultura ocidental, na qual se separam antagonicamente humanos de animais, sem possibilidade de relação maior entre eles. É, em função disso, que se pode afirmar que o "perspectivismo não é um relativismo, mas um relacionalismo" (Viveiros de Castro, 2013, p. 260). Essa visão do mundo implica pensar que os seres não estabelecem entre si apenas diferenças, mas analogias e possibilidades de trocas.

Viveiros de Castro (2013, p. 351) explica que no perspectivismo

> os animais são gente, ou se veem como pessoas. Tal concepção está quase sempre associada à ideia de que a forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma 'roupa') a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs. Essa forma interna é o espírito do animal: uma intencionalidade ou subjetividade formalmente idêntica à consciência humana, materializável.

Viveiros de Castro (assim como Descola) não acredita na separação arbitrária entre cultura e natureza, mas num entrelaçamento entre as culturas possíveis e as naturezas possíveis culminando no que denominou de multinaturalismo, pois encontramos em "uma só "cultura", múltiplas "naturezas"; epistemologia constante, ontologia variável - o perspectivismo é um multinaturalismo, pois uma perspectiva não é uma representação" (Viveiros de Castro 2013, p. 379). Essa representação está condicionada ao espírito do sujeito que por sua vez é definida pelo corpo que este espírito ocupa e que se desdobra em um ponto de vista específico, pois o corpo "não é um sinônimo de fisiologia distintiva ou de anatomia características; é um conjunto de maneiras ou modos de ser que constituem um *habitus*" (Viveiros de Castro, 2013, p. 380).

No conto em análise, é possível constatar alguns processos metamórficos como encantarias frequentes na cosmovisão dos povos originários que possibilita um "mundo altamente transformacional" (Rivière *apud* Viveiros de Castro, 2013, p. 243).

O trecho a seguir demonstra a dimensão desse perspectivismo: "Vá até a superfície, transforme-se em gente e seduza a bela Panãby'piã, filha de Tabaguá, Tuxawa dos Maraguá. Mas vá esta noite, pois amanhã quero ver o resultado" (Yamã; Minápoty, 2019, p. 39). Ou seja, para acabar com a guerra, o Deus do bem, Monãg, pede ao filho mais velho do Piraruku que se metamorfoseie em gente e crie uma relação afetiva com a filha do líder dos Maraguá, a bela Panãby'piã. Mas não é apenas isso o que ocorre, pois, ao metamorfosear-se em gente, o peixe pode experimentar-se como humano, experimentar uma corporalidade humana, e, assim, estar no lugar do outro. Era necessário aos dois seres que se colocassem no lugar do outro, isto é, adotando a perspectiva do outro poderiam compreender melhor o mundo desse ser diferente de si. Por isso, ao final Panãby'piã também se transforma, ela corre e pula no rio. Lá ela tem o seu filho e se metamorfoseia em Guayara, um ser metade gente e metade peixe, comumente conhecida por Yara em outras etnias: "segundo dizem, se transformou em Guayara" (Yamã; Minápoty, 2019, p. 41). Ela experimenta a situação do outro ser, do peixe, e assume depois em si, em seu corpo, a condição de peixe em metade de seu corpo. Guayara simboliza a junção dessas duas corporalidades numa só.

Por sua vez, a união de um ser peixe e de um ser gente resulta em um terceiro ser, no filho deles, o peixe-boi. Para alguns o peixe-boi, apesar de o nome relacionar diretamente o peixe ao boi, ele já foi confundido com sereias, ou seja, aproximando as formas de peixe e de homem, conforme atesta Jose Durand no seu livro *Ocaso de sirenas*. *Esplendor de manatíes* (1983).

> O título do livro de Durand aponta, de forma metafórica e irônica, para o impasse no registro desse ser mítico e maravilhoso - a sereia -, uma vez que em muitos relatos [da era das grandes navegações] os informantes lançam o questionamento se aqueles seres avistados pelos conquistadores seriam de fato sereias ou peixes-boi, manatis (Gama-Khalil, 2021, p. 81).

Se possuem semelhança com sereias, os peixes-boi têm alguma relação corporal análoga ao homem, na visão de muitos navegadores que registraram o seu encontro com esse ser aparentado com um corpo de sereia. O peixe-boi, na narrativa, recebeu o nome de Guarũguá e representa o fim da guerra entre gente e peixe no âmbito da aldeia Maraguá.

O recurso de narração utilizado no conto é o de um narrador na terceira pessoa, que faz seu discurso de forma concisa, valendo-se do discurso direto e, em algumas situações, do discurso indireto. Devido a esse processo, encontramos um narrador privilegiado e onisciente, capaz de reconhecer e transmitir todos os sentimentos, pensamentos e movimentos das personagens. Com isso, temos uma clareza contínua do que se passa com as personagens, possibilitando uma análise aprofundada que nos aproxime dos fatos narrados. Neste trecho temos a percepção exata da posição do narrador diante dos fatos do conto:

> O filho do grande Piraruku ficou olhando de longe, então foi se aproximando devagar, até estar próximo. Encantado com a beleza de Panãby'piã, não perdeu tempo, transformou suas escamas num lindo marãgá e começou a chacoalhá-lo - tché, tché, tché... -, mas tão baixinho que quase não dava pra ouvir (Yamã; Minápoty, 2019, p. 40).

Mesmo antes de nos apresentar a qualquer personagem, o conto nos conduz a prováveis seres, deixando evidente o seu processo de formação, que se alinha à "concepção de personagem [que] se desprende das muletas de suas relações com o ser humano e passa a ser encarada como um ser da linguagem, ganhando uma fisionomia própria" (Brait, 2017, p. 52). Entendemos como fisionomia não apenas sua construção física, mas também seus atributos psíquicos, construindo seres capazes de realizarem transformações internas e externas, ou seja, físicas e psicológicas, capazes de promoverem suas metamorfoses. Esse processo torna-se evidente em algumas passagens do texto, como: "– Vá até a superfície, transforme-se em gente e seduza a bela Panãby'piã" (Yamã; Minápoty, 2019, p. 39); "Encantado com a beleza de Panãby'piã, não perdeu tempo, transformou suas escamas num lindo Marãgá" (Yamã; Minápoty, 2019, p.4 0).

Como já comentamos, ao chegar à superfície metamorfoseado em um lindo jovem, Guaporé - um peixe, o filho mais velho de Piraruku, o grande chefe dos peixes - reconhece de imediato a bela Panãby'piã - filha de Tãbaguá, o líder do povo Maraguá - no contexto da festa de escolha do marido para a bela jovem, e ao vê-la Guaporé se encanta com sua imensa beleza. Guaporé recebeu uma tarefa importante passada por um Deus, Monãg, o Deus do bem, e para isso recebe também poderes xamânicos. Ele se aproxima da pretendente tendo como objetivo seduzir a moça; para garantir seu sucesso, Guaporé transforma uma de suas escamas em um chocalho (Marãgá) e o chacoalha a todo instante. Panãby'piã mantém seus

olhos fechados durante todo o processo e ao abri-los avista Guaporé, por quem se apaixona perdidamente, conclui-se aqui um processo de encantaria realizado por Guaporé.

Nossos olhos, no dia a dia, estão acostumados à suposta e aparente regularidade das coisas. João de Jesus Paes Loureiro (2001, p. 368) nos ensina que a "encantaria é a quebra dessa regularidade do olhar pela diversidade da imaginação". Tudo o que quebra a regularidade do olhar do homem amazônico, por intermédio de uma certa magia, constitui-se como encantaria.

Guaporé tem dons xamânicos, logo, possui poderes que se articulam como encantarias. O poder xamânico parece estar, em primeiro lugar, relacionado ao poder de metamorfose de Guaporé, que se transforma em um jovem. Em segundo lugar, outro poder xamânico é a sua habilidade de chacoalhar o Marãgá e fazer a moça ficar hipnotizada e, consequentemente, encantada por ele.

No entanto, mesmo apaixonada pelo jovem Guaporé, como já afirmamos, as regras do povo Maraguá não permitiam que ela se casasse com Guaporé. Por isso, frustrada, ela escolhe um pretendente qualquer. Guaporé, porém, demonstra ter confiança no resultado de seu encantamento e espera por Panãby'piã à beira do rio. Ela, por sua vez, consegue um meio de encontrar-se com Guaporé e ficam juntos até de manhã. Nesse encontro entendemos ter ocorrido mais uma encantaria, pois Panãby'piã, ao ser achada pelo marido na manhã seguinte, não encontra explicação para o ocorrido e é nesse encontro que foi concebido o filho de um pirarucu (metamorfoseado em homem) com uma mulher. Do amor entre um peixe e uma mulher nasce o maravilhoso "Guarũguá, o peixe-boi dos Maraguá", hoje o símbolo maior desse povo.

É imperativo ressaltar que este reconto trata de um mito realizado por um povo que compartilha sua cultura pela oralidade, logo devemos trazer para esta análise a ideia de que "o mito fala de um estado do ser onde os corpos e os nomes, as almas e as ações, o eu e o outro se interpenetram, mergulhados em um mesmo meio pré-subjetivo e pré-objetivo" (Viveiros de Castro, 2017, p. 355). Junto a esses conceitos antropológicos é possível trazer ideias a respeito da construção das personagens, observando a "verossimilhança interna da obra" (Brait, 2017, p.76) no momento em que o Malyli (o xamã ou pajé daquele povo) esclarece os fatos ao seu povo, indicando o desfecho para o evento e o propósito das

metamorfoses. Assim, no excerto abaixo, estabelecem-se as relações dos pressupostos antropológicos e da teoria literária supracitados:

> — Essa moça grávida nunca mais voltará para o marido. Foi enfeitiçada pelos peixes e agora é esposa de Guaporé, filho do grande Piraruku, o tuxaua dos peixes. Ela foi levar o filho para o pai verdadeiro. Seu filho nunca será gente, pois é fruto da união entre um peixe e um humano. Ele se chamará Guarũguá ou peixe-boi. Essa união é um pedido para que os peixes voltem a ser nossos irmãos (Yamã; Minápoty, 2019, p. 41).

Para se chegar aos modos internos sociais na construção das personagens e do próprio mito em si, é necessário atribuir a esses agentes o viés xamânico, porque nele a personificação "é tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido - daquilo, ou, antes, daquele; pois o conhecimento xamânico visa um algo que é um alguém, um outro sujeito ou agente. A forma do outro é a pessoa" (Viveiros de Castro, 2013, p. 358).

Conforme evidenciamos anteriormente, um dos conceitos explorados pelo perspectivismo é o de que "a condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade" (Viveiros de Castro, 2013, p. 355), pois o pensamento indígena conclui que "tendo outrora sido humanos, os animais e outros seres do cosmos continuam a ser humanos, mesmo que de modo não evidente" (Viveiros de Castro, 2013, p. 356). Dessa maneira, "para eles, natureza e cultura são parte de um mesmo campo sociocósmico" (Viveiros de Castro, 2013, p. 369). Aprofundando esse pensamento, temos o que diferencia e possibilita a existência concomitante entre o humano e não humano em um só corpo, pois

> o modelo de espírito é o espírito humano, mas o modelo de corpo são os corpos animais; e, se a cultura é a forma genérica do eu e a natureza a do ele, a objetivação do sujeito para si mesmo exige a singularização dos corpos - o que naturaliza a cultura, isto é, a 'encorpora' -, enquanto a subjetivação do objeto implica a comunicação dos espíritos - o que culturaliza a natureza, isto é, sobrenaturaliza (Viveiros de Castro, 2013, p. 389).

Devemos incluir a esse conjunto de conceitos a "noção ameríndia de que a humanidade é a forma universal da agência" (Viveiros de Castro, 2013, p. 375-376). Nesse caminho, estabelecemos a relação entre humanos e não humanos, com vistas a compreender os processos completos nas motivações das metamorfoses e entender o porquê de o Deus do bem Monãg ir à procura do líder dos peixes e ordenar que seu filho mais velho realizasse uma metamorfose, na qual de peixe ele se tornaria em humano, a fim de entrar em contato com os humanos e fazer com que a paz voltasse a reinar.

3 Considerações Finais

Entendemos que os processos que motivam as metamorfoses contidas no conto analisado puderam ser vistos pelos estudos antropológicos e literários contemplados neste trabalho. A construção das personagens e o modo como o narrador as apresenta permitem que o leitor do conto tenha não só a sensação de coerência e verossimilhança interna da narrativa, mas possa criar imagens sobre elas e suas ações, tornando a leitura um espaço de construção de saberes. Esses saberes se relacionam, em nosso ponto de vista, especialmente à cosmologia dos povos originários, tão pouco difundida nas escolas. Tal cosmologia nos mostrou, ao longo da análise, que a visão ocidental sobre os seres é bastante antagônica e dicotômica, separando os seres em classes e dividindo o mundo humano do não humano. Já, na visão do povo Maraguá e de muitos outros povos originários da Amazônia, a condição comum a todos é a humanidade. Todos somos seres dotados de subjetividade e de humanidade, daí o fato de a metamorfose ser possível com naturalidade em narrativas pertencentes a essa cosmologia originária.

Salientamos que não entendemos o mito em seu aspecto fantasioso, como muitos fazem, mas o compreendemos em sua potência de explicação do nosso mundo, tão complexo. E o mito deve ser apreendido em sua potência de complexidade, pois as coisas e os fatos não "são isto ou aquilo" categoricamente, entretanto podem ser "isto e aquilo". Se assumirmos um olhar perspectivista, podemos alcançar talvez o que se fala e o que se escuta no entrelaçar dos mundos.

Referências

BRAIT, B. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

DESCOLA, P. Além de natureza e cultura. Tradução: Bruno Ribeiro. **Tessituras**. Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2015.

DESCOLA, P. **As formas do visível**: uma antropologia da figuração. São Paulo: Editora 34, 2023.

DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DURAND, J. **Ocaso de sirenas. Esplendor de manatíes**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

GAMA-KHALIL, M. M. O ocaso ou o esplendor das sereias? Espacialidades insólitas dos mitos das águas. **Diálogos pertinentes,** [*S. l.*], v. 17, p. 71-96, 2021.

PAES LOUREIRO, J. J. **Obras reunidas**: teatro e ensayos. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. 5. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

YAMÂ, Y.; MINÀPOTY, L. Guarũguá, o peixe-boi dos maraguá. *In*: NEGRO, Maurício (org.). **Nós, uma antologia de literatura indígena**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. p. 39-48